

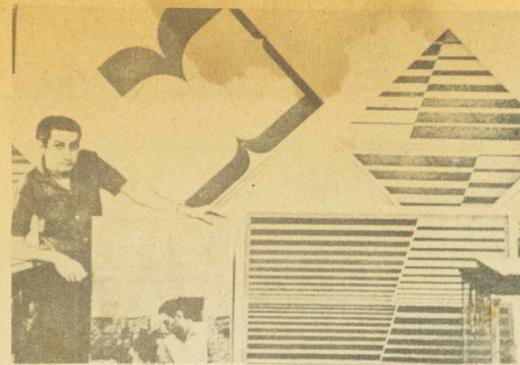
JORNAL: CORREIO BRASILIENSE LOCAL: BRASILIA

DATA: 27/4/1975 AUTOR: _____

TÍTULO: _____

ASSUNTO: A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM IVAN SERPA

A criação artística em IVAN SERPA



Ivan Serpa, em sua oficina de arte, ao lado de suas obras

Há dois anos falecia Ivan Serpa, que, no momento, está vivo em Brasília, através de uma exposição de guaches, desenhos litográficos e serigrafias, aberta ao público na Oscar Seráfico-Galeria de Arte.

Aliás, Lygia Serpa, sua viúva e sua companheira das horas boas e das horas más, bem como Ivens, que é, também, pintor, Leila e Eraldo, os três filhos do casal, fazem questão de conservar vivo o seu cônjuge e o seu genitor, uma grande figura humana que, tendo vivido e morrido pela arte, ficou para todo o sempre nas páginas da história das artes plásticas do Brasil. Um exemplo dessa presença de Ivan Serpa está no comportamento admirável de Lygia Serpa, realizando conferência acerca da obra desse artista magistral, ilustradas com projeção de slides haja vista à que fez em Fortaleza, no Ceará, e iniciando agora, em Brasília, uma série de exposições de obras de Ivan Serpa que marcou os movimentos de vanguarda no desenvolvimento de nossas artes visuais.

Ivan Serpa nasceu no dia 8 do mês de abril de 1923, no antigo Distrito Federal, atual Estado do Rio de Janeiro. Foi um dos discípulos amados de Axel Leskoschek, sendo que, inicialmente, seu desenho e sua pintura foram vinculadas ao figurativismo sob o registro da Ecole de Paris, tendo participado de 1947 a 1951 da Divisão Moderna do antigo Salão Nacional de Belas Artes. Após a Bienal de São Paulo, quando conquistou o prêmio "Jovem Pintor Nacional", que lhe foi outorgado por um júri internacional, tornou-se o precursor da corrente estética do concretismo em nosso país. E criou, então, o Grupo Frente, contando com a participação de Franz Weissmann, Aluisio Carvão, Lygia Clark, Helio Oiticica, Abraham Palatnik, Lygia Pape, Rubem Macedo Ludolf, Elisa Martins e outros artistas mais, o qual realizou durante três anos exposições no Rio de Janeiro.

Esse artista magistral participou de inúmeras exposições internacionais, dentre as quais merecem destaque a Exposição Inter-Americana de Caracas, a Exposição de Artistas Brasileiros em Paris, a Exposição de Arte Brasileira em Montevideo, a Exposição de Arte Brasileira em Santiago do Chile, a Exposição de Cartazes de Buenos Aires, a Bienal de Córdoba, a Exposição de Arte Contemporânea e a Exposição do Royal College, em Londres; Exposição de Artistas Brasileiros em Buenos Aires, na Argentina, e em Bonn, na Alemanha, e a Exposição de Arte Brasileira em Bogotá, na Colômbia. E por três vezes representou oficialmente o Brasil na Itália, ao participar das XXVI, XXVII e XXXI Bienais de Veneza. Realizou outrossim, exposições individuais no exterior, devendo ser citadas a do Museu da Fundação Guggenheim, em Nova York e a da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Por outro lado, Ivan Serpa teve oportunidade de participar oficialmente das I, II, III, IV e VII Bienais de São Paulo, e do V, VI, X e XI Salão Nacional de Arte Moderna, promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura. E realizou inúmeras exposições individuais, destacando-se as do Museu de Arte do Rio de Janeiro, do Instituto Brasil-Estados Unidos, das galerias de arte Tenreiro, Barcinski, Relevo e Bonino, na mesma cidade, e da Galeria Bonfiglioli, na capital de São Paulo.

Ivan Serpa teve três retrospectivas: a do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com obras de 1952 a 1965, comemorativa do IV Centenário da Cidade; a do Museu de Arte Moderna de São Paulo, patrocinada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, e, finalmente, a Grande Retrospectiva "Pos-Mortem", compreendendo duzentos e setenta obras,

realizadas um ano após seu falecimento, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Durante sua carreira artística, Ivan Serpa conquistou as mais altas premiações, inclusive o "Prêmio UNESCO", o do "Jovem Pintor Nacional", da I Bienal de São Paulo, o de "Viagem ao Estrangeiro" e "Viagem ao País", do VI e do XI Salão Nacional de Arte Moderna, respectivamente. Foi membro de júris de seleção e premiação de salões oficiais e Conselheiro da Exposição de Alunos do "Illinois State University". E com o crítico de arte Mario Pedrosa publicou o livro "Crescimento e Criação". Professor de desenho e pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Ivan Serpa formou gerações de artistas, muitos dos quais já se projetaram no panorama de nossas artes visuais.

Não é, pois, sem razão que a crítica de arte é unânime na afirmação de que Ivan Serpa, na posição de artista criador, como pintor, desenhista e gravador de altos méritos, foi e é uma das mais vigorosas expressões da arte brasileira contemporânea.

Aliás, a importância de Ivan Serpa no panorama universal da arte de nossos tempos é tanto maior quanto menos ignoramos que, ao longo de sua carreira artística, fez questão de confirmar a previsão de Georges Bernanos que, no fim da II Guerra Mundial, ao ver as suas obras, exclamou: "Um dia você será um grande artista".

Para que o público possa ter uma exata noção da genialidade de Ivan Serpa, revelada em vários ângulos de seu poder de criação, transcrevemos trechos de ensaios elaborados por críticos de arte que analisaram a obra desse artista que marcou com a sua personalidade momentos altos de nossa evolução estética no plano das artes visuais.

Assim é que a crítica de arte Aracy Amaral, fazendo uma abordagem de sua fase consagrada à corrente estética do concretismo, observou com muita propriedade: "O ótico: nele, de fato, o geométrico tende para o ótico, o efeito visual, o espaço virtual se confundindo com o espaço real. Emtoda a organicidade de suas formas, quando elas de tornam rigorosamente contidas no geométrico, o ilusório assume papel preponderante, a partir do racional. Tudo o que Serpa transpõe para o papel, se transforma em mágico. O elemento mais intelectual, a forma geométrica se desfaz em ilusão ótica, em formações orgânicas quase automaticamente fluidas em seu crescer. O próprio Serpa diz que, embora componha com rigor a estrutura do desenho a ser projetado antes de iniciar o trabalho, "depois a coisa corre". Assim essa estrutura racionalmente concebida (a metade e a metade da metade, ou a partir das três partes, 1/3, 2/3 e metade de 1/3) é o fundamento a partir do qual o trabalho se desenvolve em profundidade, através do engano visual, o quadro dentro do quadro, formas gerando formas, como nesta sua fase atual. Chegamos aqui ao ponto crucial do que desejamos dizer: a obra de Ivan Serpa se desenvolve desde os anos mais afastados até hoje, em torno a dois problemas envolventes: a origem da forma e o movimento."

O fato de Ivan Serpa haver caminhado durante toda sua vida entre o concretismo e o expressionismo, foi bem explicada pelo crítico de arte Hugo Auler:

"Dominado pela preocupação de dar uma ordenação clara e racional a todas as manifestações de seu poder artístico de criação, Ivan Serpa recorria àquelas técnicas para dar exatas formas de expressão aos seus atos de criação. Ora, não é de hoje a nossa afirmação, segundo a qual toda e qualquer obra de arte é um reflexo

da época do ato de sua criação e da personalidade sensível do artista criador. Portanto, aquela versatilidade técnica de Ivan Serpa tinha íntima relação com a sua concepção estética e filosófica em face do mundo contemporâneo."

"De resto, nunca vimos naquele comportamento a intenção de aderir a modismos, visto como resultava de pesquisas e experiências feitas em termos de oficina para que pudesse adequar a riqueza inesgotável de seu poder de criação às formas de expressão plástica e pictural. Essa adequação era tanto mais necessária quanto mais o seu convulso universo interior estava conectado à convulsão do mundo exterior."

"Assim é que os momentos de serenidade espiritual o levavam ao concretismo, criando uma arte animada por esquemas geométricos e por soluções óticas e espaciais a denunciar uma iluminação interior: os instantes de destruição da terra e de fuga da paz, conduziã-lo à figura humana que se apresentava esgarçada em gritos de horror, carregada de profundas emoções e de trágicas visões, a qual, por sua vez, indicava os caminhos do expressionismo, por isso que a forma deveria ser deformada, desintegrada, sem perder o seu sentido formal."

"Já a arte erótica surgiu em seu cérebro e em sua mão em decorrência da imagética humana dominada pelo terror, quando, então, Ivan Serpa insinuou o sexo em suas composições, dando origem ao binômio — mulher/animal — que, emprestando um toque surreal às suas criações, o conduziu para uma arte gestual. Mas cabe salientar que, ao aprofundar-se na arte erótica, esse artista magistral reformulou fundamentalmente o expressionismo, dando-lhe um sabor barroco. E surgiu, então, a série de desenhos eróticos, cujas estruturas se impunham pelo rigor gráfico das formas executadas a bico-de-pena, com o qual, através de sucessivas propensões de pontos, criava os modelados, os claros-escuros e os contornos formais. Uma arte erótica respaldada na fragmentação do corpo humano e no agenciamento harmônico dos respectivos fragmentos, toda ela construída com requinte e elegância formais, o barroco dominando a desintegração, afastando qualquer idéia de licenciosidade, qualquer impacto à pública moral. Uma arte erótica, na qual o nu deixa de ser nu, sem perder a densidade sexual na prevalência das formas barrocas, em cujas estruturas podemos sentir uma certa monumentalidade."

Poderão dizer que a atitude de Ivan Serpa, consagrando-se ao papier collé e ao objeto teria sido um gesto de adesão a modismos. A sua intervenção criadora na área da arte da colagem e da arte objetual, foi a de mestre para revelar quais os caminhos novos que essas duas formas de expressão estavam indicando ao artista criador.

E para confirmar esta conclusão está a palavra do crítico de arte Roberto Pontual: "Resultaram dessas pesquisas no campo da colagem, já tão avançado pelos meros cortadores e coladores, alguns dos trabalhos que não hesito em situar entre os mais distintivos na prolongada produção de Serpa, por força de uma vibração que atinge o rigor da inteligência voltada para o equilíbrio dos ritmos mais simples e a pulsação das raízes emotivas do homem que, embora descopiando o mundo, não pretende em instante algum cortar sua comunicação profunda com os outros homens, feita sempre em termos de inteligência e de emoção. E, apreciando esse mesmo ângulo da criação artística de Ivan Serpa, o crítico de arte Mario Pedrosa afirma: "Com a sua descoberta, o jovem artista brasileiro nos dá

uma percepção bem vasta e concreta da cor puramente física, da cor-luz e ao mesmo tempo enriquece a nossa experiência estética com um fenômeno tipicamente povo de nossa época: o das cores em si mesmas desprendidas do objeto, seu encosto imemorial, tendo apenas por suporte a abstração dos planos geométricos regulares ou irregulares, transparentes ou opacos".

Do mesmo modo, ao consagrar-se episodicamente à arte objetual, Ivan Serpa teve a intenção de revelar o que de novo poderia ser criado em matéria de objeto, conforme podemos deduzir da seguinte observação do crítico de arte Frederico Moraes: "Com seus objetos atuais (que ele realiza paralelamente às pinturas e serigrafias, ambas fundadas em relações numéricas), Serpa atinge um dos pontos culminantes de sua obra, já bastante significativa no contexto da arte brasileira. A par de revelarem aquele domínio artesanal que lhe é peculiar e uma limpeza impecável, seus objetos acrescentam novos dados às inúmeras questões e indagações propostas pela arte de vanguarda, neste seu estágio pós-moderno. São objetos feitos com módulos de madeira, em séries de diversos tamanhos, que são desmaterializados pelo branco ou vermelho e que permitem formar sutis jogos formais, que captam a luz que passa, passam nos altos e baixos da composição, a qual não se contém mais nos limites do retângulo ou na parede. Esses novos trabalhos não podem mais ser definidos como esculturas ou como pinturas, sequer como relevos. São propriamente objetos, contra-relevos, antiaixas. Neles as principais convenções da pintura e escultura são negadas. Não existe mais o avesso, o quadro continuando nas costas; o pedestal é integrado ou desintegrado na própria escultura. Espelhos internos nas partes vazadas destas verdadeiras arquiteturas, multiplicam os espaços e os módulos num sem fim de soluções imprevistas, a cor projetada adquire um sentimento aéreo, vermelho e branco, a paz e o amor, no dizer do artista, transformam-se no espaço. Interno e externo se confundem pois a moldura perde sua função de amurada, não serve mais para separar o dentro do fora. A composição transborda os limites do quadro, ameaça escorregar da parede para o chão, com seus tentáculos desce pedestal afora, rompendo com o frágil equilíbrio da geometria tridimensional, euclidiana. Rompe igualmente com o quadrado, adotando o artista a forma do losango. E mais: os quadros, sobretudo os menores, não mais se sustentam num dos lados, depois que o primeiro cosmonauta saiu da nave e flutuou no espaço sem poder plantar-se solidamente no chão e sem ter a linha do horizonte como referência, o equilíbrio renascentista foi definitivamente rompido."

Eis, em síntese, a criação artística de Ivan Serpa. Onívota, polêmica, ativa, atual porque não foi mais do que o reflexo de sua visão do mundo contemporâneo. Grande artista e grande arte, tal como exigia Henri Bergson, foi um mestre na arte gráfica, pictórica e objetual, sabendo guardar a marca inconfundível de seu estilo em qualquer uma das formas de expressão. Um mestre que teve o mérito do desprendimento, não guardando toda sua mestria para sua obra verdadeiramente magistral, visto como soube dá-la, melhor do que ninguém, humildemente, a várias gerações de artistas que, hoje em dia, vêm triunfando porque seguem os caminhos por ele abertos e cujo desbravamento, ao longo de pesquisas da forma, do movimento, da composição e da cor, lhe causou a morte.

Por essa razão é que a sua obra magistral colocou Ivan Serpa em uma posição singular no panorama da arte universal.